

Aglomerções de Serviços

Um Estudo das Especializações Regionais no Brasil na Perspectiva dos Processos Econômicos

Felix Hugo Aguero Diaz Leon¹
Dimaria Silva e Meirelles²
José Carlos Thomaz³

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2017.40.70-103>

Resumo

A aglomeração geográfica de serviços é tema pouco explorado na literatura brasileira. Os estudos realizados partem de critérios de classificação que não refletem a diversidade do setor de serviços, bem como a interação deste com as atividades de indústria. Diante disso, o objetivo deste artigo foi realizar um mapeamento da localização das atividades de serviço na Região Sudeste do Brasil de maneira sistemática, baseado numa proposta de classificação dos serviços de acordo com o processo econômico ao qual estão relacionados. Sendo assim, a principal contribuição deste estudo é uma metodológica classificatória. Propõe-se um modelo de classificação das aglomerações de acordo com as categorias de serviço puro, de transformação e de troca e circulação. Foi identificado um total de 12.201 aglomerados de serviços no Brasil; a maioria (60%) refere-se à categoria de serviço puro, seguido da categoria de serviços de troca e de circulação, com (27%), e serviços de transformação, com (13%). Sob a perspectiva das macrorregiões, a Região Sudeste possui a maior representatividade, com 5.287 aglomerações, representando 43% do total. Nesta região, as três categorias de serviço apresentam participação significativa, ao contrário das demais, o que confirma o elevado grau de desenvolvimento da base econômica da região, uma vez que quanto maior a composição dos

¹ Doutor em Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie). Mestre em Administração pela Universidade Cidade de São Paulo (Unicid). Graduado em Administração pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie) e Universidade Nove de Julho (Uninove). felixhugo@uol.com.br

² Doutora e mestre em Economia da Indústria e da Tecnologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora-adjunta da Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie). dmeirelles@mackenzie.br

³ Doutor e mestre em Administração pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie). Graduado em Economia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie). jcthomaz@mackenzie.br

setores, mais desenvolvida é a economia local. Nesse sentido, as principais descobertas deste estudo explicam a força econômica das atividades de serviço na Região Sudeste do país, com destaque para os grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Aglomeração de serviços. Setor terciário. Concentração setorial.

SERVICES AGLOMERATION: A STUDY OF REGIONAL SPECIALIZATIONS IN BRAZIL IN THE PERSPECTIVE OF ECONOMIC PROCESSES

Abstract

The geographical clustering of services is a subject little explored in Brazilian literature. The studies depart classification criteria do not reflect the diversity of the services sector as well as its interaction with industry activities. Thus, the purpose of this article was to map the location of service activities in Southeastern Brazil systematically, based on a proposed classification of services according to the economic process to which they are related. Thus, the main contribution of this paper is methodological. We propose a classification model of clusters according to the categories of pure service, processing and exchange and circulation. It identified 12,201 clusters of services in Brazil; the majority (60%) refers to the category of pure service, followed by the category of exchange services and circulation, with (27%), and processing services, (13%). From the perspective of macro-regions, the Southeast has the largest representation, with 5287 agglomerations, representing 43% of total settlements. In this region, the three service categories have significant participation, in contrast to other regions, which confirms the high degree of development of the economic base of the region, since the higher the composition of sectors, more developed the local economy. In this regard, the main findings of this study explain the economic strength of the service activities in the southeast of the country, especially in large urban centers such as Sao Paulo and Rio de Janeiro.

Keywords: Agglomeration services. Tertiary sector. Sectoral concentration.

O setor de serviços representa um terço do comércio mundial, tornando-se um grande diferencial da economia, principalmente ao se levar em consideração o seu rápido crescimento expresso pelo volume de trabalhadores empregados na economia formal e, principalmente, a participação expressiva do setor no Produto Interno Bruto (PIB). Responsável pelo aumento de produtividade e do crescimento da economia em diversos países desenvolvidos e, no caso dos países que compõem a União Europeia, é o único setor que apresentou geração de emprego nas duas últimas décadas (LEON, 2010).

Em âmbito nacional, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o setor de serviços foi responsável em 2013 por quase 70% do PIB total do Brasil, considerando-se o valor adicionado a preços básicos. Em 2013 a Pesquisa Anual de Serviços (PAS) estimou a existência de 1.236.187 empresas cuja atividade principal pertencia ao âmbito dos serviços não financeiros, que totalizaram aproximadamente R\$ 1,3 trilhão de receita operacional líquida e cerca de R\$ 745,2 bilhões de valor adicionado. Essas empresas ocuparam 12,5 milhões de pessoas e pagaram R\$ 254 bilhões em salários, retiradas e outras remunerações.

Apesar da importância econômica do setor, o conhecimento a respeito de diversos aspectos das atividades de serviço ainda é insuficiente, sobretudo no que se refere a sua dinâmica regional. Jennequin (2007) comenta que há uma série de entraves aos estudos internacionais sobre o padrão locacional dos serviços, principalmente a falta de uma base de dados homogênea e regular, que permita uma comparação inter-regional.

Os estudos realizados sobre aglomerações de serviço são isolados, abordando apenas determinados grupos de atividades, tais como serviços intensivos em conhecimento ou de maior valor agregado, como é o caso dos trabalhos de Pandit, Cook e Swann (2001, 2002) e Pandit et al. (2008) sobre serviços financeiros. São, todavia, estudos que não captam a diversidade do setor terciário. A complexidade e a diversidade dos setores de serviços podem ser fatores encorajadores de aglomeração, principalmente para os

serviços mais sofisticados; embora mesmo os serviços rotineiros e mais descentralizados tendam a ser controlados e geridos de forma centralizada, o que tem favorecido a concentração destas atividades em grandes centros urbanos (KARLSSON, 2008; FINGLETON; IGLIORI, 2008; MOORE, 2008; PARR, 2002).

Os serviços possuem conexão importante com a atividade industrial, uma vez que fortalecem e prolongam o impacto dos setores mais dinâmicos, e também facilitam a transição para novos setores líderes. Nesse sentido, a recente tendência de aglomeração dos serviços pode influenciar o padrão de localização da indústria, pois serviços especializados representam uma oferta de conhecimento importante para processos produtivos em constante transformação (inovação industrial), principalmente nos requisitos de qualificação gerencial ou organizacional (DOMINGUES et al., 2006). É justamente para preencher este vazio neste campo que alguns autores decidiram devotar-se a este setor. No contexto internacional, podem ser citados os estudos de Jennequin (2007), como exemplo, acerca da evolução das concentrações geográficas das atividades terciárias na Europa.

No Brasil, em particular, os estudos sobre os aspectos locais das atividades de serviços ainda se encontram em um estágio inicial. Segundo Domingues et al. (2006), até o momento existem apenas dois trabalhos sobre a localização e a distribuição espacial dos serviços.

Na visão de Kon (2004), a complexidade e a diversidade da moderna especialização em serviços encorajam a aglomeração, e estas tendências têm dominado a evolução das regiões urbanas nos anos mais recentes, e neste sentido, a autora afirma que desde a década de 80 configurou-se uma nova etapa mais avançada e veloz de transformações tecnológicas e acumulação financeira, intensificando a internacionalização da vida econômica, social, cultural e política.

De acordo com estudo realizado por Domingues et al. (2006), a Região Sudeste é a grande concentradora das atividades de serviços. Utilizando como medida de concentração a participação no valor adicionado, os autores identificaram que a região concentra 70,76% dos serviços do Brasil e o Estado de São Paulo quase 45% do total nacional. Outro resultado interessante desse estudo é que a região metropolitana de São Paulo é responsável por 34,70% do valor adicionado dos serviços, e as áreas não metropolitanas têm participação de 6%, percentual superior à participação de todo o Centro-Oeste (5,82%) e próximo à participação dos Estados da Bahia e de Pernambuco somados.

A concentração das atividades de serviço em áreas metropolitanas é fato constatado em vários estudos internacionais (MARSHALL, 1988) e reflete, sobretudo, uma característica fundamental dessas atividades, que é a dependência dos locais de demanda, isto é, da proximidade com os centros de consumo. Outro fato constatado nesses estudos é que as atividades de serviço nas regiões metropolitanas são diversificadas, incluindo serviços mais sofisticados que não estão presentes em regiões menos desenvolvidas, normalmente serviços intensivos em conhecimento – *Knowledge Intensive Business Services* (Kibs) –, nos quais se inclui grande parte dos serviços prestados às empresas, como *marketing*, propaganda, consultoria financeira e jurídica, etc.

Um dos motivos do estudo do tema de aglomeração de serviços é que os trabalhos existentes nesse setor são poucos e apresentam diversas lacunas, a principal destas a ausência de um critério de classificação das atividades. Apesar do levantamento sistemático das atividades de serviços, nota-se uma ausência de critérios metodológicos classificatórios adequados ao tratamento das especificidades dos serviços, principalmente no que se refere ao agrupamento das atividades adotado (LEÓN, 2010)

No Brasil, especificamente, o primeiro trabalho de levantamento sistemático sobre as aglomerações de serviço é o de Domingues et al. (2006). Os autores, entretanto, compilam as atividades de serviços em uma agregação em quatro grandes grupos: serviços prestados às famílias, aos produtivos (principalmente prestados às empresas), aos serviços de transporte e distribuição, aos

serviços financeiros, de aluguel e agrícolas. Esta restrição a um determinado grupo de atividades não só ignora o papel das demais atividades de serviço no desenvolvimento regional como também dificulta uma compreensão das inter-relações entre atividades de serviço e de indústria nas várias etapas do processo de produção, troca e circulação.

Em âmbito internacional, destaca-se o estudo realizado por Jennequin (2008) sobre a concentração geográfica das atividades de serviço na Europa. Nesse estudo o autor toma como referência a classificação das atividades de serviço proposta por Midelfart-Knarvik et al. (2002), que incorpora especificamente cinco diferentes setores de serviço numa escala nacional e os resultados diferem dos estudos de Hallet, cujo foco eram as regiões europeias. Os setores analisados são: a) comércio, atacadistas e varejistas, b) restaurantes e hotéis, c) transporte, armazenagem e comunicação, d) serviços financeiros, de seguros e de previdência e serviços empresariais, e) serviços governamentais (de defesa, de segurança social), e f) serviços de educação, de saúde e outros serviços sociais, comunitários e pessoais. O autor conclui que, embora o setor de transporte seja mais disperso, é o único a apresentar níveis elevados de concentração. A seguir, aparecem os setores atacadista, varejista e de comunicação junto com os setores de restaurantes e hotéis. Estes três setores apresentam estabilidade em termos de concentração.

Outros estudos de aglomeração têm sido realizados no âmbito dos serviços intensivos em conhecimento (Kibs), como é o caso de Rabaud (1995), Moulaert e Gallouj (1993). No Brasil destacam-se os estudos realizados por Guimarães (2009).

A principal falha das propostas de classificação adotadas nestes estudos de aglomeração de serviços reside principalmente no fato de que os serviços não são tratados de forma articulada com as demais atividades econômicas. Como resultado, em geral nestas classificações não estão incluídas grande parte dos serviços terceirizados, sejam eles ligados às atividades da agropecuária, extrativa mineral ou indústria.

Além da classificação observam-se algumas limitações metodológicas no que se refere à base de dados utilizada, bem como os critérios adotados para a identificação das aglomerações. No estudo de Domingues et al. (2006), por exemplo, foram selecionadas apenas empresas com 20 ou mais pessoas ocupadas e excluídas aquelas com receita total anual inferior a R\$ 1 mil, como as atividades dos correios. Uma outra limitação é marcada pela representatividade da amostra composta por firmas do estrato certo da Pesquisa Anual de Serviços (INSTITUTO..., 2000), que cobria parcialmente os municípios do país, por exemplo, nas regiões Norte e Nordeste, que envolvia apenas as capitais.

Nota-se também que os trabalhos em questão tendem a utilizar indicadores que não necessariamente estão adequados aos estudos de aglomerações de empresas de serviços. São pesquisas que em sua maioria concentram-se no número de empregados como principal indicador.

Neste estudo em particular propõe-se identificar a aglomeração de serviços tendo como referência uma proposta de classificação de serviços a partir da articulação destas atividades no circuito de produção, troca e circulação (MEIRELLES, 2006).

Além disso, sua importância prática está relacionada com a possibilidade de indicar uma forma de relacionamento entre elos da cadeia de suprimentos que implique redução de custos para os agentes econômicos e para a cadeia de suprimentos como um todo. Esta possibilidade afetaria positivamente o desempenho individual das empresas e das cadeias de suprimentos.

Diante deste cenário, o objetivo geral deste estudo foi identificar a aglomeração das atividades econômicas de serviço na Região Sudeste do Brasil, de acordo com as categorias de serviço puro, de transformação e de troca e circulação. Cabe ressaltar que a maioria dos estudos sobre o tema aglomerações em atividades econômicas teve como foco as atividades econômicas relacionadas à produção de produtos. Esses estudos adotam

critérios para a identificação das aglomerações que consideram a dinâmica da indústria de transformação, que entre outras características permite que a produção se localize num local distante daquele do consumo (LEÓN, 2010).

As economias, no entanto, de modo geral e também no Brasil, têm percebido um crescimento expressivo das atividades de serviço. Nesse sentido, tem-se questionado se há aglomeração de empresas de serviço e se a sua ocorrência pode ser explicada pela mesma lógica dos aglomerados de empresas produtoras de bens, ou seja, em termos de eficiência de processos, especialização de fornecimento, escala para atividades de comercialização, redução de incerteza na exploração de mercados e inovação, entre outros aspectos.

Este estudo teve um caráter descritivo em sua fase preliminar e exploratório no que respeita à explicação da existência de aglomerações.

São partes deste estudo, além desta introdução, a apresentação do referencial teórico, os resultados objetivados, a análise dos dados quantitativos para identificação dos aglomerados, as conclusões e, finalmente, as limitações deste trabalho e sugestões para próximos estudos.

Fundamentação Teórica

Nesta seção são apresentadas as fundamentações teóricas do estudo, versando sobre atividades de serviços e aglomerados de serviços.

Atividades de Serviço: conceito, evolução e classificação segundo processos econômicos

Os autores contemporâneos cunharam três expressões ao se referirem aos serviços: setor terciário, setor residual e setor pós-industrial. Setor terciário, expressão cunhada por Fischer (1939), está de acordo com a ideia de que “primário” e “secundário” estão, respectivamente, relacionados à

agricultura/extração e ao industrial. Clark (1940) considerava que todas as atividades que não fossem relacionadas à mineração, agricultura e manufatura poderiam ser caracterizadas como “residuais” – o que tornava difícil a compreensão das especificidades dos serviços.

Muito embora não signifique um *ranking* de importância entre eles, alguns autores acreditam que essa terminologia pode deixar o setor terciário em posição menos importante ou ainda dependente dos outros dois para existir. Esta visão de serviços como uma categoria residual, subordinada à indústria, remonta aos clássicos (MEIRELLES, 2006). Autores como Adam Smith (1777) e Karl Marx (1867) consideravam as atividades de serviços como predominantemente improdutivas, baseadas num trabalho não reprodutível, isto é, um trabalho que não se fixa em objetos concretos de modo a reproduzir o valor gerado (MEIRELLES, 2006).

A partir dos anos 70, todavia, observa-se uma evolução crescente nos estudos relacionados ao setor de serviços, no sentido de identificar suas especificidades e seu papel na dinâmica econômica de modo sistemático. Nesse período surge um intenso debate em torno do papel dos serviços na moderna economia de base industrial. De um lado, autores “pós-industrialistas”, que defendem o setor como o principal responsável pelo processo de desenvolvimento econômico, e autores defensores da indústria como propulsora e propagadora do desenvolvimento, como Baumol (1967), Cohen e Zysman (1987), entre outros.

Após a década de 80, com o evidente avanço do setor, sobretudo nas economias desenvolvidas, além dos cientistas e pesquisadores os membros do governo passaram a ter uma crescente curiosidade em tentar compreender o que são os serviços. No âmbito destas discussões surge uma série de questionamentos quanto à própria definição de serviços presente nas classificações das atividades econômicas das estatísticas oficiais.

Atualmente as classificações das atividades econômicas variam em torno de três padrões: i) Padrão International Standard Industrial Classification (Isic), adotado por organismos multilaterais, como ONU (Organização das Nações Unidas), Banco Mundial e FMI (Fundo Monetário Internacional); ii) Padrão Nace (European Union's General Industrial Classification of Economic Activities), adotado pela Comunidade Europeia; iii) Padrão Naics (North American Industry Classification System), adotado pelos Estados Unidos e Canadá. Conforme apresentado em Meirelles (2003), em linhas gerais não há grandes diferenças entre estes padrões. As variações giram, essencialmente, em torno do nível de agrupamento das atividades. O padrão Naics, por exemplo, apresenta um nível maior de detalhamento, o que dificulta o agrupamento das atividades nos moldes dos padrões Isic ou Nace, que são bastante próximos. Como o Isic é um padrão internacional, situando, por meio das estatísticas compiladas, a posição e o desempenho das economias nacionais no *ranking* mundial, este padrão é o mais adotado.

Na busca de um conceito mais amplo sobre o processo de geração de valor, de acordo com as diferentes percepções acerca do papel do setor de serviços, Meirelles (2006, p. 15) propõe a definição de serviço como essencialmente um processo de trabalho, independentemente do meio de realização desse trabalho, se baseado somente no uso de recursos humanos ou também no emprego de máquinas e equipamentos. Segundo o conceito utilizado pela autora, serviço é trabalho em processo, e não o resultado da ação do trabalho; por esta razão elementar, não se produz um serviço, e sim se presta um serviço. Para ela, os clássicos e os autores contemporâneos sempre trataram os serviços como realização de trabalho, todavia esta abordagem conceitual leva a significativas mudanças em termos de classificação e de quantificação nas contas nacionais, assim como do seu papel na dinâmica econômica. Nesse sentido, vale destacar as diferenças de ordem conceitual e metodológicas encontradas nestas e na abordagem da autora.

Na visão de Meirelles (2006, p. 15), as premissas são as seguintes: a) serviço é trabalho na sua acepção ampla e fundamental, podendo ser realizado não só pelos recursos humanos (trabalho humano) como também pelas máquinas e equipamentos (trabalho mecânico); b) serviço é trabalho em processo, ou seja, serviço é trabalho na concepção dinâmica do termo, trabalho em ação; c) todo serviço é realização de trabalho, mas nem toda realização de trabalho é serviço, ou seja, não existe uma relação biunívoca entre serviço e trabalho.

O trabalho realizado nas atividades de serviço não é diferente daquele realizado nas demais atividades produtivas, pois serviço é apenas trabalho autônomo. O trabalho tanto pode estar baseado em recursos humanos (mais ou menos qualificados) quanto em máquinas e em equipamentos, porque a forma de trabalho não é o que caracteriza uma atividade de serviço e, sim, o próprio processo de realização de trabalho (MEIRELLES, 2006, p. 17).

No aspecto conceitual, este artigo adota a visão de Meirelles (2006) de que os serviços são essencialmente realização de trabalho, ou seja, os serviços estão em todas as etapas da realização de trabalho nos processos econômicos.

Conforme é apresentado a seguir, à luz desta afirmação, a classificação dos serviços proposta pela autora torna-se bastante ampla, sendo possível identificá-los ao longo das etapas de realização de trabalho nos processos econômicos em geral.

Como mostra o Quadro 1, a prestação de serviços, de modo geral, pode se dar em três níveis, de acordo com o processo econômico no qual se insere o serviço (MEIRELLES, 2006, p. 6-10):

Nos processos de trabalho puros: quando ocorre a prestação de serviços puros. Nestes serviços, o resultado do processo de trabalho é o próprio trabalho. Não necessariamente o trabalho realizado resulta em um produto concreto e acabado, pronto para o consumo final. Este é o caso, por exemplo, dos serviços de educação, serviços médicos, de consultoria, etc.

Nos processos de transformação ou produção: na prestação dos serviços de transformação, o trabalho está relacionado à transformação de insumos e matérias-primas em novos produtos, como é o caso dos serviços de alimentação e serviços decorrentes da terceirização de etapas do processo de transformação.

Nos processos de troca e circulação: cujo trabalho consiste em realizar a comercialização, o armazenamento e o transporte, seja de pessoas, matérias-primas, produtos acabados tangíveis e intangíveis (informação, por exemplo), ou até mesmo moeda, como é o caso dos serviços bancários.

Quadro 1 – Classificação dos serviços nos processos econômicos

Processo Econômico	Tipo de Serviço	Exemplos
Processo de trabalho puro	Serviço puro Consiste em realizar um trabalho único e exclusivo. O resultado do processo de trabalho é próprio trabalho. Não há, necessariamente, um produto resultante.	Serviços domésticos, de entretenimento e lazer, consultoria, assistência técnica, pesquisa e desenvolvimento de produtos, saúde e educação, governamentais, defesa e segurança, etc.
Processo de transformação	Serviço de transformação Consiste em realizar o trabalho necessário à transformação de insumos e matérias-primas em novos produtos.	Serviços de alimentação e serviços decorrentes da terceirização de etapas do processo de transformação.
Processo de troca e circulação	Serviço de troca e circulação Consiste em realizar o trabalho de troca e circulação, seja de pessoas, bens (tangíveis ou intangíveis), moeda, etc.	Serviços bancários, comerciais, de armazenamento e transporte, de comunicação, de distribuição de energia elétrica, de água, etc.

Fonte: MEIRELLES (2003).

Nos Quadros 2, 3 e 4 são apresentadas as atividades econômicas que compõem cada uma destas categorias de serviço conforme a Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE). Como se pode observar, os serviços puros (Quadro 2) agrupam o maior número de atividades, incluindo: agropecuária, manutenção e reparação; obras de instalação e de acabamento; manutenção e reparação de veículos e motocicletas; atividades de transportes e agências de viagem e transportes de carga; atividades imobiliárias e condomínios; atividades de processamentos de dados, bancos de dados e outras de informática.

Quadro 2 – Serviços Puros – Atividades selecionadas e respectivos códigos CNAE (versão1.0)

Tipo de serviço	Grupo de Atividades (Divisão CNAE)	Atividades (CNAEs cinco dígitos)
Serviços Puros	Grupo (016) Divisão: (0169-9)	Atividades de serviços relacionados com a agricultura e a pecuária-exceto atividades veterinárias
	Grupo (288) Divisão (2881-9) (2882-7)	Manutenção e reparação de tanques, caldeiras e reservatórios metálicos
	Grupo (299) Divisão (2991/1; 2)	Manutenção e reparação de máquinas e equipamentos industriais
	Grupo (318) Divisão (3181-0)	Manutenção e reparação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos
	Grupo (329) Divisão (3290/1/5)	Manutenção e reparação de aparelhos e equipamentos de telefonia e radiotelefonia de transmissores de televisão e rádio – exceto telefones
	Grupo (339) Divisão (3391-0)	Manutenção e reparação de equipamentos médico-hospitalares, instrumentos de precisão e ópticos, equipamentos para automação industrial
	Grupo (451) Divisão (4511-0)	Preparação do terreno
	Grupo (454) Divisão (4541-1) (4542-0) (4543-8) (4549-7)	Obras de instalação
	Grupo (455) Divisão (4550-0)	Obras de acabamento
	Grupo (502) Divisão (5020-2)	Manutenção e reparação de veículos automotores
	Grupo (504) Divisão (5042-3)	Manutenção e reparação de motocicletas
	Grupo (527) Divisão (5271-0) (5272-8) (5279-5)	Reparação de objetos pessoais e domésticos
	Grupo (551) Divisão (5513-1) (5519-0)	Estabelecimentos hoteleiros e outros tipos de alojamentos temporários
	Grupo (632) Divisão (6321-5) (6322-3) (6323-1)	Atividades auxiliares dos transportes
	Grupo (633) Divisão (6330-4)	Atividades de agências de viagens e organizadores de viagem
	Grupo (634) Divisão (6340-1)	Atividades relacionadas à organização do transporte de carga
	Grupo (672) Divisão (6720-2)	Atividades auxiliares dos seguros e da previdência complementar
Grupo (703) Divisão (7031-9) (7032-7)	Atividades imobiliárias por conta de terceiros	

Grupo (703) Divisão (7031-9) (7032-7)	Atividades imobiliárias por conta de terceiros
Grupo (704) Divisão (7040-8)	Condomínios prediais
Grupo (723) Divisão (7230-0)	Processamento de dados
Grupo (724) Divisão (7240-0)	Atividades de bancos de dados e distribuição <i>on-line</i> de conteúdo eletrônico
Grupo (725) Divisão (7250-8)	Manutenção e reparação de máquinas de escritório e de informática

Fonte: LEÓN (2010).

O Quadro 3 apresenta o conjunto das atividades de serviços de transformação, contidos na CNAE. Os serviços de transformação comportam o menor número de atividades. Com exceção dos serviços de restaurantes e alimentação, a maioria está relacionada às atividades de manufatura, ligadas principalmente ao complexo metalmeccânico e construção civil. Inclui-se também os serviços relacionados à extração de petróleo e gás, serviços prestados às empresas e atividades cinematográficas e de vídeo.

Quadro 3 – Serviços de Transformação
– Atividades selecionadas e respectivos códigos CNAE (versão 1.0)

Tipo de serviço	Grupo de Atividades (Divisão CNAE)	Atividades (CNAEs cinco dígitos)
Serviço de Transformação	Grupo (021) Divisão (0211-9)	Silvicultura, exploração florestal e serviços relacionados
	Grupo (222) Divisão (222-1/2/9)	Impressão e serviços conexos para terceiros
	Grupo (283) Divisão 2839-8/00	Forjaria estamparia, metalurgia do pó e serviços de tratamento de metais
	Grupo 345 Divisão 3450-9	Recondicionamento ou recuperação de motores para veículos automotores
	Grupo 352 Divisão 3521-1	Construção, montagem e reparação de veículos ferroviários
	Grupo 353 Divisão 3531-9	Construção, montagem e reparação de aeronaves
	Grupo 401 Divisão 4011-8	Produção e distribuição de energia elétrica
	Grupo 453 Divisão 4531-4	Obras de infraestrutura para energia elétrica e telecomunicações
	Grupo 552 Divisão 5521, 5522, 5523, 5524, 5529	Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação
	Grupo 749 Divisão 7492-6	Atividades de envasamento e empacotamento, por conta de terceiros
	Grupo 921 Divisão 92118	Atividades cinematográficas e de vídeo

Fonte: LEÓN (2010).

Já o Quadro 4 apresenta o conjunto das atividades de serviços de troca e circulação, contidos na CNAE. Os serviços de troca e circulação incluem as atividades tradicionais de transporte (os vários modais) e de telecomunicações. Além destas, incluem-se os serviços de intermediação financeira, seguros e previdência, e as atividades imobiliárias.

Quadro 4 – Serviços de Troca e Circulação – Atividades selecionadas e respectivos códigos CNAE (versão 1.0)

Tipo de serviço	Grupo de Atividades (Divisão CNAE)	Atividades (CNAEs cinco dígitos)
	Grupo 601 Divisão 6010-0/01 6010-0/02	Transporte ferroviário de passageiros, intermunicipal e interestadual. Transporte ferroviário de cargas, intermunicipal e interestadual
	Grupo 602 Divisão 6021, 6022, 6023, 6024, 6025, 6026, 6027, 6028, 6029	Outros transportes terrestres
	Grupo 603 Divisão 6030-5	Transporte dutoviário
	Grupo 611 Divisão 6111-5 6112-3	Transporte marítimo de cabotagem e longo curso
	Grupo 612 Divisão 6121-2, 6122-0, 6123-9	Outros transportes aquaviários Transporte por navegação interior de passageiros, por navegação interior de carga e transporte aquaviário urbano
	Grupo 621 Divisão 6210-3	Transporte aéreo, regular
	Grupo 622 Divisão 6220	Transporte aéreo, não regular Serviços de táxis aéreos com tripulação
	Grupo 623 Divisão 6230-8	Transporte espacial
	Grupo 641 Divisão 6411-4, 6412	Correios e outras atividades de entrega Atividades de correio nacional e executadas por <i>franchising</i> . Atividades de malote e entrega Serviço de entrega rápida
	Grupo 642 Divisão 6420/3	Telecomunicações
	Grupo 651 Divisão 6510-2	Banco Central
	Grupo 652 Divisão 6521, 6522, 6523, 6524	Intermediação monetária – Depósitos à vista Bancos Comerciais, múltiplos, Caixas Econômicas, Crédito Cooperativo
	Grupo 653 Divisão 6531, 6532, 6533, 6534, 6535	Intermediação não monetária – Outros tipos de depósitos Bancos Múltiplos, de Investimentos, Créditos Imobiliários e Sociedades de crédito

Grupo 654 Divisão 6540-4	Arrendamento mercantil
Grupo 655 Divisão 6551, 6559	Outras atividades de concessão de crédito, Agências de fomento
Grupo 659 Divisão 6591, 6592, 6593	Outras atividades de intermediação financeira, não especificadas anteriormente Fundos de investimento, sociedade de capitalização, gestão de ativos intangíveis
Grupo 661 Divisão 6611, 6612, 6613	Seguros de vida e não vida Resseguros
Grupo 662 Divisão 6621, 6622	Previdência complementar Previdência complementar fechada e aberta
Grupo 663 Divisão 6630-3	Planos de saúde
Grupo 671 Divisão 6711, 6712, 6719	Atividades auxiliares da intermediação financeira
Grupo 701 Divisão 7010	Incorporação e compra e venda de imóveis
Grupo 702 Divisão 7020-3	Aluguel de imóveis
Grupo 711 Divisão 7110-2	Aluguel de automóveis Aluguel de automóveis sem motorista
Grupo 712 Divisão 7121, 7122	Aluguel de outros meios de transporte, Aluguel de embarcações e aeronaves
Grupo 713 Divisão 7131, 7132, 7133, 7139	Aluguel de máquinas e equipamentos, Aluguel de máquinas e equipamentos agrícolas, para construção e engenharia civil e para escritórios
Grupo 714 Divisão 7140/4	Aluguel de objetos pessoais e domésticos
Grupo 744 Divisão 74403/02	Agenciamento e locação de espaços publicitários
Grupo 745 Divisão 7450-0	Locação de mão de obra
Grupo 921 Divisão 9212 e 9213	Distribuição de filmes e vídeos Projeção de filmes e de vídeos

Fonte: LEÓN (2010)

Aglomerados de Serviços: conceitos, vantagens e indicadores

Conforme assinalam Henry e Pinch (2006), observou-se uma confusa diversidade de termos para descrever a aglomeração industrial. Estas definições variam, desde o bastante restrito conceito de distritos industriais (MARSHALL, 1982), os quais se referem a grupos de firmas restritos geograficamente no mesmo setor, para a mais ampla definição dos *clusters* (PORTER, 1998), os quais podem se referir a extensas áreas geográficas, por meio de nações e, ainda, além das suas fronteiras (HENRY; PINCH, 2006, p. 117).

Para os autores citados no parágrafo anterior, estes neologismos refletem as diversas interpretações dos processos fundamentais que levam à aglomeração, embora devessem observar que: algumas destas diferenças são sutis; a maioria são extensões ou retrabalhos das ideias básicas de Marshall (1982).

McCann e Folta (2008) fazem duas explanações sobre aglomerações. Na primeira, referem-se às externalidades das aglomerações que não têm ligações com a presença das firmas. Neste caso, os benefícios são provenientes de “fatores exógenos” aos atores econômicos. O melhor exemplo desse tipo de fator são os recursos naturais. Conforme os autores, apesar de Marshall (1982) creditar às condições físicas a forte atração das empresas, estudo de Ellison e Glaeser (1999 apud McCANN; FOLTA, 2008) mostra que apenas 20% das aglomerações estudadas identificaram vantagens provenientes de fatores exógenos.

Na segunda explanação, McCann e Folta (2008) argumentam que as indústrias se aglomeram porque as empresas e os empreendedores podem endogenamente criar externalidades por suas decisões de localização. Ao contrário das externalidades urbanas, as externalidades da especialização, também chamadas de externalidades de localização ou externalidades marshallianas, evoluem e se acumulam por meio dos relacionamentos entre as empresas.

Garcia (2002) sustenta que a proximidade geográfica contribui para o fomento do processo de aprendizado, dadas as maiores facilidades de circulação das informações e de transmissão dos conhecimentos. A esse respeito Marshall (1982, p. 234) argumenta que “o transbordamento do conhecimento técnico tácito entre os vizinhos próximos faz com que os segredos da profissão deixam de ser segredos, ficando soltos no ar, de modo que até as crianças absorvem inconscientemente grande número deles”.

Segundo Fernandes e Lima (2007), a análise das condições para a emergência e evolução de aglomeração de atividades econômicas deixa ver que a noção de *cluster* é perfeitamente aplicável ao setor de serviços, em que pese a menção mais frequente às atividades terciárias como auxiliares da dinâmica industrial, esta sim núcleo duro ou fonte de geração e crescimento da aglomeração na maior parte dos estudos sobre o fenômeno.

Assim como no caso da indústria, o que pauta o estudo de *clusters* de serviços é o recorte setorial, com base no qual as condições para aglomeração são verificadas, e pela análise dos determinantes da formação socioeconômica na qual o *cluster* está contextualizado. Ainda conforme Fernandes e Lima (2007), existem, portanto, características específicas que prevalecem sobre a constituição e o funcionamento de um *cluster* de serviços decorrentes do padrão de concorrência e estratégias locais desse setor, que inserem atributos particulares às condições de aglomeração e, por conseguinte, exigem atenção.

O mais importante é que os maiores centros urbanos oferecem a concentração e os acessos às pesquisas e aos desenvolvimentos nas empresas, nos institutos e nas universidades de pesquisas, assim como também às várias arenas para a difusão e o intercâmbio do conhecimento (KARLSSON, 2008). Oferecem também facilidade de acesso para o conhecimento gerado em outros grandes centros urbanos por meio de viagens aéreas, Internet e redes entre firmas em grandes empresas multinacionais, o que implica que estes aglomerados estejam bem posicionados para acompanhar o conhecimento desenvolvido em outras regiões urbanas

Dessa maneira, cabe destacar então as afirmações de Fingleton, Iglioni e Moore (2008, p. 79), para quem a diversidade das aglomerações são normalmente observáveis por meio da hierarquia urbana; considerando que, por um lado, estão as grandes metrópoles e, por outro, as cidades especializadas, ou regiões que formam distritos industriais e aglomerações econômicas. Nesse sentido, em relação às grandes metrópoles, pode-se citar, como exemplo, o aglomerado financeiro de Londres e o de Informação e Tecnologia de Comunicação do Vale do Silício, em que ambos tiveram um impacto desproporcional na balança comercial do Reino Unido e Estados Unidos, respectivamente (COOKE, 2002).

Fernandes e Lima (2007) sustentam que a tendência à localização em grandes centros urbanos é fator decisivo para a competitividade das firmas dos segmentos mais complexos do setor de serviços, talvez porque a força de gravidade da metrópole atue no sentido de lhes proporcionar mercado na dimensão exigida para a realização de atividades mais intensivas em conhecimento e informação.

Ainda conforme Domingues et al. (2006), o papel dos serviços no processo de desenvolvimento regional está ligado às características de localização e de aglomeração do setor de serviços. Nesse contexto, a atividade de serviço possui, como uma das suas características, a localização urbana e serve também como potencializadora do impacto dos polos de crescimento.

Procedimentos Metodológicos

Para a identificação das atividades de serviços foi realizada uma reclassificação das atividades de serviço contidas na Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAEs) de acordo com as três categorias de serviços (puros, de transformação e de troca e circulação). A unidade de análise foi o município e a atividade, abarcando as dimensões *empregados* e

estabelecimentos das firmas, respectivamente. A coleta de dados secundários foi feita por meio de consultas a bases de dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) (LEÓN, 2010).

A classificação CNAE está subdividida em vários níveis de agregação. Conforme a Comissão Nacional de Classificações (Concla) do IBGE, as estatísticas oficiais relativas a atividades econômicas estão todas referenciadas à CNAE.

O intervalo de dados analisados compreende o período de 2002 a 2005. A escolha desse período foi determinada pelas recentes alterações na estrutura da CNAE, visto que a partir de 2006 ela sofreu ajustes que tornam mais difícil realizar comparações em períodos mais longos, tornando igualmente mais complexo o tratamento dos seus dados.

A classificação seguiu duas etapas. A primeira foi a inclusão de atividades de serviços que estão alocados em outros setores como primários e secundários, identificando-os por subclasse. Nas atividades ligadas ao setor primário foram selecionados: serviços relacionados com a agricultura e a pecuária, exceto atividades veterinárias, atividades de serviços relacionados com a silvicultura e a exploração florestal, atividades de serviços relacionados com a extração de petróleo e gás, exceto a prospecção realizada por terceiros. No setor secundário foram selecionadas atividades de serviços de suporte, manutenção e reparação ligados à indústria de transformação, como editoração, siderurgia, automobilística, máquinas-ferramentas, equipamentos elétrico-eletrônicos, aeronaves, etc.

Na segunda etapa buscou-se classificar as atividades selecionadas como de serviço de acordo com as três categorias de serviços (puros, de transformação, de troca e circulação).

Os critérios utilizados para a classificação de serviços puros contemplam todas as atividades de gestão em geral. São serviços sobre um produto cujo processo de transformação já ocorreu, serviços que dão suporte, como

os serviços de reparação e manutenção, serviços auxiliares de intermediação financeira, serviço auxiliar de transporte que dá suporte à atividade principal, serviços de corretagem, etc.

Para a utilização dos serviços de transformação são observadas todas as obras que a caracterizam, tais como os serviços decorrentes da terceirização de etapas do processo de transformação, serviços de construção, energia e telecomunicação e, finalmente, são considerados, como atividades de troca e circulação, serviços de aluguel em geral (inclusive locação de mão de obra) e contempla todas as atividades de intermediação financeira.

Nesse sentido, seguindo os critérios anteriormente mencionados, foram identificadas, separadas e alocadas todas as atividades de serviço que configurem serviços puros, de transformação e de troca e circulação.

A metodologia mais comum para a determinação de uma aglomeração implica encontrar indicadores de concentração. A identificação de relações estatisticamente significativas entre o crescimento das firmas e a aglomeração reforçaria argumentações favoráveis a políticas de desenvolvimento regionalizado, com foco em competências e eficiências locais e em estratégias de formação de *clusters*.

O Quociente de Localização (QL) é um índice de especialização bastante utilizado (SUZIGAN et al., 2003; PUGA, 2003). O QL é a razão entre a participação de um determinado CNAE (conjunto de empresas de atividades com mesma Classificação Nacional de Atividades Econômicas) na estrutura produtiva de uma região e a participação deste mesmo CNAE na população estudada, mensurando assim a especialização da região naquela indústria. O cálculo do QL obedece à seguinte fórmula:

$$QL_{ij} = \frac{E_{ij} / E_i}{\sum_{ij=1}^a E_{ij}}$$

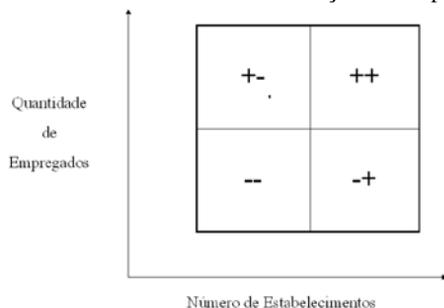
Sendo:

E = dimensão pela qual a aglomeração é medida (empregados, estabelecimentos);

i = CNAE; j = município; q = intersecção entre município e CNAE.

Em relação aos dados utilizados para o cálculo dos indicadores de aglomeração, foi adotado o modelo bidimensional proposto por Guimarães (2009), que leva em conta apenas as dimensões de número de estabelecimentos e quantidade de empregados. Estas dimensões estão contempladas nas bases estatísticas da Rais. Desta maneira, observa-se o critério da superioridade da mediana aqui proposto, uma vez que neste modelo bidimensional poderia existir uma classificação com relação ao grau de aglomeração nas variáveis propostas, que dividiriam as aglomerações em dois tipos: a Tipo I ou completa, para aquelas que apresentassem o resultado do $QL > 1,0$ para todas as duas dimensões de análise (número de estabelecimentos e quantidade de empregados); e a de Tipo II ou Parcial, para aquelas que apresentassem o resultado do $QL > 1,0$ apenas para uma dimensão estudada (número de estabelecimentos ou quantidade de empregados). Caso os QL s das duas dimensões estudadas ficassem abaixo de 1,0, então por este modelo se definiria a inexistência de aglomeração, independentemente do número de estabelecimentos ou da quantidade de empregados existentes. A Figura 1 mostra graficamente o modelo bidimensional proposto.

Figura 1 – Modelo Bidimensional de Definição do Tipo de Aglomeração



Fonte: GUIMARÃES (2009).

Para Guimarães (2009), com base neste modelo só seriam classificadas como verdadeiras aglomerações aquelas regiões ou aqueles municípios cujo cálculo do QL nas duas dimensões fosse superior a 1,0 e também que obedecessem ao critério da superioridade da mediana, em que a quantidade de estabelecimentos e a quantidade de empregados no município ou região fossem maior do que a quantidade média de empregados e estabelecimentos encontrada nos municípios ou regiões que possuísem tal atividade.

Crítérios para Definição de Aglomeração

Para efeito deste estudo, os municípios somente foram considerados como aglomerações quando obedeceram aos seguintes critérios de maneira concomitante (GUIMARÃES, 2009), apresentados a seguir:

1. A quantidade existente de estabelecimentos deste grupo de atividades (CNAE 1.0) dentro do município foi igual ou superior à mediana da quantidade de estabelecimentos destas atividades existentes nos municípios do Brasil que possuíam estabelecimentos deste grupo de atividades;
2. A quantidade existente de empregados atuantes neste grupo de atividades dentro do município foi igual ou superior à mediana da quantidade de empregados destas atividades existentes nos municípios do Brasil que possuíam empregados deste grupo de atividades;
3. O resultado do QL do município foi maior do que 1,0 na dimensão de número de estabelecimentos existentes nesta cidade, o que demonstrava existir uma concentração de empresas deste grupo de atividades acima da média do país;
4. O resultado do QL do município foi maior do que 1,0 na dimensão de quantidade de empregados existentes nesta cidade, o que demonstrava existir uma concentração de mão de obra deste grupo de atividades acima da média do país.

Esses critérios foram aplicados simultaneamente para ambas as dimensões, de 2002 a 2005.

Análise dos Resultados

A análise foi desenvolvida seguindo algumas etapas:

1. Proposição de uma classificação para as aglomerações de serviços, baseada em tipologia das atividades de serviço proposta por Meirelles (2006), em que os serviços são agrupados em três categorias de acordo com a natureza do processo econômico: serviço puro, serviço em transformação e serviço de troca e circulação.
2. Foi necessário estipular alguns critérios para a identificação dos aglomerados de serviços em termos metodológicos; tais como: a adoção do indicador QL, tomando como base a quantidade de empregados, e o número de estabelecimentos da firma como dimensão de aglomeração, adotando-se o parâmetro em que o $QL > 1,0$ para ambas as variáveis, o que indica que a região está acima da média da referência. Cabe observar, no entanto, que a adoção do critério QL, de forma irrestrita, poderá conduzir à conclusão equivocada de uma existência de aglomeração de serviços em municípios com baixo número de empregados ou empregadores.
3. Foram impostos limites, levando-se em consideração a falta de um critério teórico neste aspecto, para o número de estabelecimentos e empregados, em que se definiu – como critério mínimo – um número de estabelecimentos e empregados da atividade no município superiores à mediana identificada no Estado. Talvez a sugestão de Guimarães (2009) acerca da utilização de uma terceira variável, valor agregado, que leve a um cálculo tridimensional, torne-se uma opção para minimizar esta limitação metodológica.

Perfil das Aglomerações

Esta seção busca identificar e analisar o perfil das aglomerações de serviço, de acordo com a composição setorial e distribuição geográfica para as três categorias de serviços adotadas (puros, de transformação, de troca

e circulação) e analisa-se também o perfil dos municípios nas dimensões Emprego e Estabelecimento, seguindo os critérios estabelecidos para a identificação de aglomerações. O estudo considerou, portanto, os municípios e as atividades que passaram pelo filtro dos critérios estabelecidos.

Como se pode observar na Tabela 1, foi identificado um total de 12.201 aglomerados de serviço. Do total de aglomerações encontradas, a maioria (60%) refere-se à categoria de serviço puro, em termos absolutos 7.343 atividades. Esta participação reflete um pouco mais que o dobro da participação dos serviços de transformação, de troca e circulação, enquanto as aglomerações de serviços de transformação totalizaram 1.595, representando 13%, e os serviços de troca e circulação totalizaram 3.263, uma participação em torno de 27% do total.

Sob a perspectiva das macrorregiões (Tabela 1), a Região Sudeste apresenta a maior representatividade, com um total de 5.287 aglomerações, representando 43% do total; a Região Sul, com 3.318, identificando 27%; a Região Nordeste, com 1.977 configura 16%, a Região Centro-Oeste, com 994, atinge 8% e, por último, a Região Norte, com 625, assinala 5%.

A Região Sudeste apresenta uma participação significativa tanto no total quanto por categoria de serviço, sendo responsável por 43,31% das aglomerações de serviço puro, 52% dos serviços de transformação e 39% dos serviços de troca e circulação. A Região Sul apresenta a segunda maior participação nas três categorias, em média 25%. O Nordeste, a seguir, com uma participação de 16,78% em serviços puros, 13,84% em serviços de transformação e 17% em serviços de troca e circulação. A Região Centro-Oeste apresenta uma participação nas três categorias em média de 8,5% e a Região Norte, por último, assinala uma participação média de 4,5% nas três categorias de serviço. Este resultado reflete o grau de desenvolvimento econômico da Região Sudeste e seu impacto na economia local, pois tem o maior PIB e a maior concentração de empregos no país, respondendo por quase dois terços de toda a arrecadação tributária do Brasil.

Os resultados encontrados nesta etapa do trabalho que buscam identificar e compreender a composição setorial e a distribuição geográfica para as três categorias de serviços adotados (puros, de transformação, de troca e circulação) indicam que a Região Sudeste apresenta, como destaque, os Estados de São Paulo e Minas Gerais, o que comprova o maior desenvolvimento econômico-regional destes Estados, conforme ilustrado na Figura 2.

Sob a perspectiva dos estados, todavia, observa-se São Paulo como o Estado que contempla o maior número de atividades aglomeradas nas três categorias de serviços adotados.

Os números na cor azul representam os serviços puros, os que estão na cor vermelha representam os serviços de transformação e os que estão na cor verde representam os serviços de troca e circulação.

Figura 2 – Composição Setorial e Distribuição Geográfica



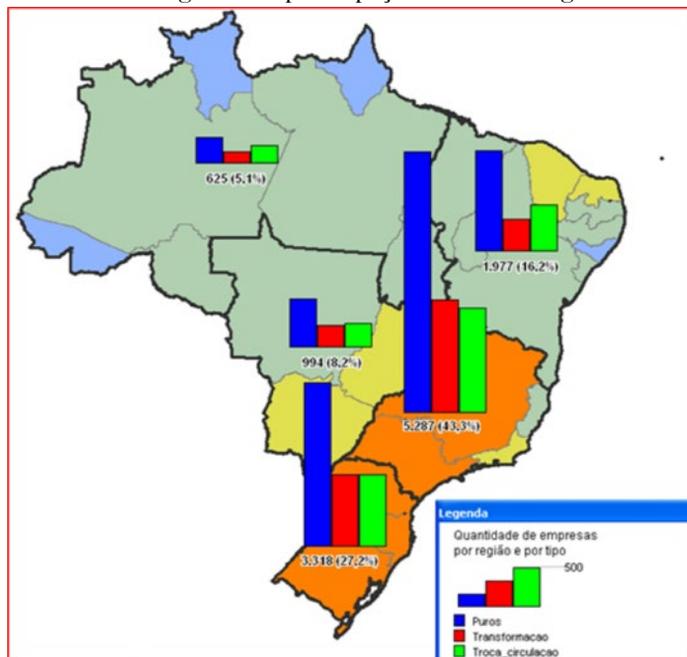
Fonte: LEÓN (2010).

Tabela 1 – Número de aglomerações por categoria de serviço e participação no total Brasil (Anos de referência: 2002 a 2005).

REGIÃO	SERVIÇOS PUROS	(%)	SERVIÇOS DE TRANSFORMAÇÃO	(%)	SERVIÇOS DE TROCA E CIRCULAÇÃO	(%)	TOTAL	(%)
Sudeste	3.180	43,31	825	51,72	1.282	39,29	5.287	43,33
Sul	1.999	27,22	448	28,09	871	26,69	3.318	27,19
Nordeste	1.232	16,78	163	10,22	582	17,13	1.977	16,20
Centro-Oeste	605	8,24	78	4,89	311	9,53	994	8,16
Norte	327	4,45	81	5,08	217	5,64	625	5,12
TOTAL	7.343		1.595		3.263		12.201	100
Participação total (%)	60	100	13	100	27	100		

Fonte: LEÓN (2010).

Figura 3 – Análise regional da participação das três categorias de serviços



Fonte: Elaborada pelos autores.

Refletindo esta distribuição regional, os Estados com maior número de aglomerações são aqueles da Região Sudeste (Tabela 2), em que o Estado de São Paulo aparece em primeiro lugar com um total de 2.987 aglomerados, seguido por Minas Gerais, com 2.161. O Estado do Rio de Janeiro aparece apenas na oitava posição, com somente 456 aglomerados, e o Espírito Santo na décima terceira posição, com meros 233 aglomerados.

Por meio da Figura 3 observa-se a análise regional das três categorias de serviços mais bem distribuídas na Região Sudeste do Brasil, com maior incidência das categorias de serviços puros, seguidos pelos serviços de transformação e de troca e circulação, respectivamente.

A composição de serviços puros, transformação, troca e circulação apresentam algumas variações em cada Estado, todavia serviços puros apresentam a maior participação relativa em grande parte dos Estados analisados. A maioria dos Estados apresenta uma participação de serviços puros acima de 50%, com destaque para os do Nordeste, tais como Piauí, Rio Grande do Norte e Paraíba, com participação de 79,5%, 64,4 e 65,1%, respectivamente, no entanto cabe ressaltar que a participação elevada dos serviços puros não é um indicativo para o grau de desenvolvimento regional.

Tabela 2 – Total de Aglomerações Identificadas nos Estados por Categoria de Serviço

Estados	Serviços puros	Part. (%)	Serviços de transformação	Part. (%)	Serviços de troca e circulação	Part. (%)	Total
São Paulo	1622	61,9	418	15,9	582	22,2	2622
Minas Gerais	1145	59,4	251	13,0	531	27,6	1927
Paraná	812	67,4	142	11,8	251	20,8	1205
Rio Grande do Sul	661	57,3	136	11,8	356	30,9	1153
Santa Catarina	526	54,8	170	17,7	264	27,5	960
Ceará	488	71,9	14	2,1	177	26,1	679
Goiás	320	62,4	36	7,0	157	30,6	513
Rio de Janeiro	280	56,0	115	23,0	105	21,0	500
Mato Grosso do Sul	201	61,7	19	5,8	106	32,5	326

Bahia	125	44,0	63	22,2	96	33,8	284
Rio Grande do Norte	183	67,8	16	5,9	71	26,3	270
Espírito Santo	133	55,9	41	17,2	64	26,9	238
Pernambuco	99	49,5	15	7,5	86	43,0	200
Pará	118	63,1	21	11,2	48	25,7	187
Piauí	136	79,5	5	2,9	30	17,5	171
Amazonas	80	58,8	23	16,9	33	24,3	136
Paraíba	82	65,1	6	4,8	38	30,2	126
Rondônia	53	44,2	11	9,2	56	46,7	120
Tocantins	37	37,0	18	18,0	45	45,0	100
Maranhão	58	49,6	24	20,5	35	29,9	117
Mato Grosso	34	41,0	22	26,5	27	32,5	83
Sergipe	55	51,4	10	9,3	42	39,3	107
Distrito Federal	50	69,4	1	1,4	21	29,2	72
Amapá	18	52,9	3	8,8	13	38,2	34
Acre	9	32,1	3	10,7	16	57,1	28
Roraima	12	60,0	2	10,0	6	30,0	20
Alagoas	6	26,1	10	43,5	7	30,4	23
TOTAL de Aglomerações	7.343	60,2	1.595	13,1	3263	26,7	12.201

Fonte: Elaborada pelos autores.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo geral identificar a aglomeração das atividades econômicas de serviço na Região Sudeste do Brasil, de acordo com as categorias de serviço puro, de transformação e de troca e circulação.

Ao observar o sistema regional brasileiro, constata-se uma série de regiões metropolitanas que apresentam serviços de infraestrutura atuantes em diferentes graus como forças aglomerativas, porém com relevância significativa apenas dentro do contexto nacional (KON, 2014), em que apenas metrópoles como São Paulo, em maior grau, e Rio de Janeiro, revelam características de cidades internacionais.

A afirmação de Kon (2014), é corroborada no resultado deste estudo, no que diz respeito ao Estado que apresenta maior número de aglomerações distintas, com destaque para o Estado de São Paulo nas três categorias de serviço, seguido pelo Rio de Janeiro para serviços puros e serviços de troca e circulação e Minas Gerais para serviços de transformação.

Por meio da análise regional foi possível identificar a força da Região Sudeste, mais especificamente pela participação expressiva dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, seguida pela Região Sul, em que os Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, nesta ordem, obtêm uma participação mais equitativa. Na sequência aparecem as Regiões Nordeste, Centro-Oeste e, finalmente, a Região Norte, com participação pouco expressiva.

O desenvolvimento econômico das regiões é explicado principalmente ao considerar as vantagens acarretadas pelos aglomerados de serviço e as suas externalidades decorrentes. Nesse sentido, o Estado de São Paulo apresenta a maior composição de atividades nas três categorias de serviço, o que revela o grau de desenvolvimento da base econômica, ou seja, há uma grande variedade de atividades. Os serviços mais sofisticados estão localizados próximos à capital, o que corrobora as afirmações de autores como Marshall (1988), de que existem diferenças qualitativas nos serviços oferecidos em diferentes partes do país.

Cabe destacar que este estudo apresenta algumas limitações, em que a própria natureza das atividades de serviços indica na sua base de dados um universo disperso e bastante heterogêneo, diferentemente do setor da indústria, que revela característica mais homogênea e padronizada. Outro aspecto a ser considerado como limitação é o fato de a pesquisa quantitativa estar baseada em dados oficiais (Pesquisa Anual de Serviços do IBGE).

A falta de disponibilidade de dados no âmbito das empresas caracteriza outra limitação deste trabalho. Cabe ressaltar, ainda, o fato de toda a análise efetuada estar baseada no horizonte temporal de quatro anos. Esta

definição levou em consideração o uso da CNAE 1.0 e a mudança para o padrão 2.0 ocorrida em 2006, o que acarretou alterações significativas na composição da classificação de serviços, uma vez que não existe uma padronização nesta classificação que facilite a identificação.

Referências

ARAÚJO GUIMARÃES, José G. *Localização de T-kibs no Brasil: um estudo das aglomerações e seus fatores condicionantes*. 2009. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

BAUMOL, W. J. Macroeconomics of unbalanced growth: the anatomy of urban crisis. *American Economic Review*, 57, 1967.

COOKE, Philip. Clusters as Key Determinants of Economic Growth: The Example of Biotechnology. In: MARIUSSEN, Åge (Ed.). *Cluster Policies – Cluster Development* Stockholm, 2001. Stockholm: Age, 2001.

_____. *Knowledge Economies: Clusters, learning and cooperative advantage*. London: Routledge, 2002.

COHEN, S.; ZYSMAN, J. *Manufacturing matters: the myth of the post-industrial economy*. New York: Basic Books, 1987.

CLARK, C. *The conditions of economic progress*. London: MacMillan, 1940.

DOMINGUES Edson P. et al. (Org.). Territorial dos serviços no Brasil: polarização com frágil dispersão. In: DE NEGRI, J. A.; KUBOTA, Luis C. *Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil*. Brasília: Ipea, 2006.

FERNANDES, A. C.; LIMA, J. P. R. Cluster de serviços: contribuições conceituais com base em evidências do pólo médico do Recife. *Organizações em Contexto*, v. 3, n. 5, p. 90-128, 2007.

FINGLETON Bernard; IGLIORI, Danilo; MOORE, Barry. Employment growth in ICT clusters: new evidence from Great Britain. In: KARLSSON, C. *Handbook of Research on Innovation and Clusters*. Sweden: Edward Elgar, 2008.

FISCHER, A. G. Production, primary, secondary and tertiary. *Economic Record*, vol. 15, issue 1, p. 24-38, jun. 1939.

GARCIA, Renato C. As economias externas como fonte de vantagens competitivas dos produtores em aglomerações de empresas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 7., Curitiba, 2002. *Anais...* Curitiba, 2002.

GUIMARÃES, J. G. A. *Localização de T-KIBS no Brasil: um estudo das aglomerações e seus fatores condicionantes*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

HENRY N.; PINCH S. Knowledge and clusters. In: *Clusters and globalization: the development of urban and regional economies*. Edward Elgar, 2006. Cheltenham, UK.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa Anual de Serviços – PAS*, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais*. Rio de Janeiro, n. 19, 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: jul. 2009.

JENNEQUIN, H. Déterminants de Localisation et role des services intensifs en connaissance: lês enseignements d’un modèle d’économie géographique tri-sectoriel. *Document de recherche du LEO*, n. 2.007-2.019, mar. 2007.

_____. The Evolution of the Geographical Concentration of Tertiary Sector Activities in Europe. *Services Industries Journal*, v. 28, n. 3, p. 291-306, 2008.

KARLSSON, C. *Handbook of Research on Innovation and Clusters*. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2008.

KON, Anita. *Economia de serviços: teoria e evolução no Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

LEÓN, Felix Hugo Diaz. *Agglomerações de serviços no Brasil: uma proposta de classificação de acordo com os processos econômicos*. 2010. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

McCANN, B.; FOLTA, T. B. Location Matters: Where We Have Been and Where We Might Go in Agglomeration Research. *Journal of Management*, vol. 34, n. 3, p. 532-565, 2008.

MARX, K. *O Capital*. Hamburg: Erster Band, 1867.

MARSHALL, Alfred. *Princípios de economia: tratado introdutório*. São Paulo: Ed. Abril, 1982.

MARSHALL, J. N. (Ed.). *Services and Uneven Development*. Oxford: Oxford University Press, 1988.

MEIRELLES, Dimária Silva e. O conceito de serviço. *Revista de Economia Política*, v. 26, n. 1, 2006.

_____. *Serviços: características e organização de mercado*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 10., Campinas, 2003. 21p.

MIDELFART-KNARVIK, K. H. et al. The Location of European Industry. *European Economy*, 2, p. 216-273, 2002.

MOULAERT, F.; GALLOUJ, C. The locational geography of advanced producer service firms: the limits of economies of agglomeration. *The Services Industries Journal*, 13(2), 91-106, 1993.

PANDIT, N. R.; COOK, G. A. S.; SWANN, G. M. P. A Comparison of Clustering Dynamics in the British Broadcasting and Financial Services Industries. In: *Int. J. of the Economics of Business*, vol. 9, n. 2, p. 195-224, 2002.

PANDIT, N. R.; COOK, G. A. S.; SWANN, G. M. P. The dynamics of industrial clustering in British financial services. *The Service Industries Journal*, oct. 2001, p. 33-61.

PANDIT, N. R. et al. An empirical study of service sector clustering and multinational enterprises. *Journal of Services Research*, Special Issue, p. 23-39, feb. 2008.

PARR, John B. The location of economic activity: central place theory and the wider urban system. In: *Industrial Location Economics*. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2002.

PORTER, M. E. Clusters and the New Economics of Competition. *Harvard Business Review*, [S.l], p. 77-90, nov./dec. 1998.

PUGA, Fernando P. *Alternativas de apoio a MPMEs localizadas em arranjos produtivos Locais*. Rio de Janeiro: BNDES, jun. 2003. (Texto para Discussão, 99).

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS (Rais) 2007. Disponível em: <http://www.rais.gov.br/RAIS_SITIO/oque.asp>. Acesso em: 19 jun. 2009.

RABAUD I. *L'internationalisation des services: le cas des services aux producteurs*. Thèse de doctorat, Université Paris-IX-Dauphine, 1995.

SMITH, A. Human Capital. *The American Economic Review*, vol. 67, n. 1, 1977. (Papers and Proceedings of the Eighty-ninth Annual Meeting of the American Economic Association).

SUZIGAN, W. et al. Coeficientes de Gini Locacional – GL: aplicação à indústria de calçados do Estado de São Paulo. *Novia Economia*, v. 13, n. 2, p. 39-60, 2003.

Recebido em: 2/9/2015

Accito em: 23/8/2016